

DOCUMENTAÇÃO

Os genes não mentem

O que aconteceria se tivesse ido dizer aos meus pais que na realidade era branca e que a raça do meu corpo simplesmente não encaixava com a da minha mente? É o ponto de partida da reflexão de uma jovem afro-americana sobre o movimento transgénero. Nuriddeen Knight, *Master* em Psicologia pela Universidade de Colúmbia, escreve num artigo publicado no "Public Discourse" (4.6.2015) que quanto mais a nossa sociedade se tenta libertar dos estereótipos de género, mais escrava se torna deles.

Os meus pais nunca me compraram "Cinderela", "A Pequena Sereia" ou "Branca de Neve". Não eram as histórias que se contavam em minha casa nem os filmes que víamos na televisão. Não havia então uma princesa Tiana, mas os meus pais só nos proporcionaram filmes com princesas 'coloridas': "Mulan" (asiática), "Pocahontas" (uma índia norte-americana) e "Jasmine" (árabe). Também apreciávamos muito os animais africanos de "O Rei Leão". Nunca idealizávamos a "brancura" em casa. E nada disto foi de modo óbvio, embora possa ter sido de maneira intencional. Apenas me limito a constatar o tipo de autoestima que os nossos pais nos estavam a inculcar.

No entanto, isto não foi suficiente. Cerca dos 13 anos, apercebi-me de que o mundo me dizia que a pele clara e o "pelo bom" eram melhores, que ser delgada era melhor, e que a brancura era melhor. Nalguns momentos, desejei ser branca. Pedi à minha mãe que me alisasse o meu cabelo, e fi-lo; tomei, nalgumas alturas, determinadas medidas irracionais para perder peso, e procurei manter a minha pele mais ou menos clara colocando-me a resguardo do Sol.

Se tivesse ido dizer aos meus pais que queria ser branca, penso que talvez se tivessem rido, chorado, confortado, e teriam perguntado em que haviam falhado como pais. Mas, que se teria passado se lhes tivesse dito que não só queria ser branca, mas que era branca na realidade? Que teria ocorrido se lhes tivesse dito que a raça do meu corpo simplesmente não se encaixava com a da minha mente? Penso que os teria transtornado profundamente.

O olho mais azul

O famoso livro de Toni Morrison, "The Bluest Eye" ("O olho mais azul"), traça um paralelismo com esta ideia. A protagonista, Pecola, é uma jovem de pele escura que quer ter

desesperadamente os olhos azuis. No final da história acaba por tê-los – ou pelo menos acredita que os tem. Como leitores, não aplaudimos isto. De facto, pensamos que Pecola perdeu a cabeça. Sabemos que o que ela deseja não são olhos azuis, mas algo mais profundo: amor, aceitação, respeito, honra... os desejos humanos intangíveis que todos ansiamos, e que não são concedidos por igual. Sabemos que a ela lhe faltam, que é vítima de um abuso permanente e que não há uma solução fácil para os seus problemas.

Mas, e se me tivesse sido possível tornar-me branca, e à Pecola ter olhos azuis? Teria sido o fim da história, o final mais feliz? A mudança da nossa aparência física teria apagado todas as nossas preocupações de autoestima e valia?

Evidentemente que não. Os olhos e a cor da pele nunca foram o problema; o racismo e o abuso, sim, têm-no sido. Unicamente teríamos colocado um curativo sobre o problema real. Os muitos homens e mulheres que "passaram" por brancos durante a vergonhosa época das leis de Jim Crow puderam gozar os privilégios sociais reservados aos brancos, mas também perderam a sua herança, os seus laços familiares e a sua integridade, pela mentira que se viram obrigados a viver todos os dias.

Raça, sexo e género

O que se teria passado se, em vez de ter querido ser branca, tivesse querido ser um homem? Que teria ocorrido se, em vez de ter dito aos meus pais que eu era realmente uma pessoa branca, lhes tivesse dito que queria desesperadamente mudar o meu corpo para que se encaixasse com a minha mente? Se acha que, neste caso, os meus pais deveriam aplaudir o meu valor, aceitar a minha nova identidade de género e levar-me ao cirurgião mais próximo, por favor, interrogue-se: porquê?

Não há dúvida de que raça e sexo são assuntos muito diferentes. A raça é uma construção social inventada durante a época da escravatura. Antes dos europeus terem escravizado os africanos, as "pessoas negras" em África não formavam uma unidade, como tão-pouco as "pessoas brancas" na Europa. Devido à escravatura, as etiquetas de negro e branco converteram-se em modos de conveniência para continuar a opressão, mas são formas relativamente recentes de se identificar consigo mesmo.

O sexo, contudo, não é uma invenção humana. Sim, os papéis de género são criados culturalmente. Todavia, isso não apaga o facto de que cada ser humano (com excepção dos indivíduos

hermafroditas, que são uma percentagem mínima) nasce com um grupo definido de atributos físicos e biológicos que o constituem como mulher ou homem. Essa é uma verdade que não se pode apagar com o tempo.

O amor próprio como virtude

Quando queremos ser algo diferente do nosso autêntico eu, podemos falar de ódio a si mesmo. Uma pessoa negra que quer ser branca odeia-se a si mesma, e o mesmo se passa também com o homem que quer ser mulher e com a mulher que quer ser homem. Vivemos num clima que leva a que nos centremos em nós mesmos, mas por que não encorajamos as pessoas a que amem o seu próprio corpo? Se dizemos às mulheres que estejam contentes com as suas curvas, a sua idade e a sua pele, por que não lhes dizemos a elas (e aos homens) que amem o seu sexo?

Costumamos lamentar-nos com os horrores da mutilação genital feminina, mas rapidamente permitimos a sua prática no nosso quintal. Ignoramos os lamentos dos pacientes que despertam da cirurgia cheios de remorsos. Ignoramos o seu sofrimento e enganamo-los com a promessa de soluções rápidas e felicidade instantânea. Em “The Federalist”, Stella Morabito cita um homem que, ao voltar a si depois da cirurgia, se interrogou: “O que é que fiz? Que raio fiz eu?”

De um modo algo estranho, na sua entrevista à “Vanity Fair”, Bruce Jenner fez-se eco deste homem, ao recordar os seus pensamentos após dez horas de intervenção para feminizar o seu rosto. “O que é que fiz? Que fiz a mim mesmo?”. Outro paciente, depois da sua operação, confessou num fórum *online*: “Estou desolado com a forma como mutilei o meu corpo”. No “Public Dis-course”, Walt Heyer escreveu sobre o pesar que experimentou após a sua cirurgia de mudança de sexo.

Estamos a jogar um jogo perigoso. O homem ou o rapaz cujo pénis foi suprimido cirurgicamente, não pode voltar atrás e retomar a sua natureza dada por Deus. Por que não dedicamos o dinheiro que gastamos em cirurgias e fármacos, a terapias e à aprendizagem sobre como amar-nos a nós próprios? Deveríamos ensinar a mensagem da autoaceitação, em vez de gastar nestas cirurgias, ou acreditar que nascemos no corpo errado.

A escravatura da liberdade

Paradoxalmente, quanto mais a nossa sociedade procura libertar-se dos estereótipos de género, mais escrava se torna deles. Ao dizer que as pessoas podem nascer com um corpo de género errado, os ativistas transgénero estão a afirmar que há um tipo de sentimentos exclusivos das mulheres e outro exclusivo dos homens. Portanto – acreditam –, aqueles que sentem coisas que não se encaixam com o seu tipo de sentimentos, têm de mudar externamente o seu género para que se encaixe com a sua mente.

Por que nos estamos a tornar cúmplices destas ideias estreitas de masculinidade e feminidade? O que significa “sentir” como mulher? Não deveremos questionar essa ideia tanto como nos

questionámos ideias sobre o “lugar da mulher” ou o “papel do homem”? Quando começaremos a aceitar a ideia dos “pensamentos de géne-ro” ou dos “sentimentos de géne-ro”?

Como estudante de linguística árabe aprendi há pouco tempo que mulheres e homens não são opostos, mas complementares. A ideia de que uma pessoa pode sentir de modo oposto ao seu próprio género biológico é realmente absurda, tanto na linguística como na realidade. Mulheres e homens são diferentes, embora não tão categoricamente ao ponto dele ou dela não poderem sentir que têm algo em comum. Somos seres humanos completos, livres de pensar como queiramos, sem questionar a nossa autenticidade enquanto homens ou mulheres.

“Bruce vive uma mentira. *Ela* não é uma mentira”, disse Bruce Jenner na sua entrevista a Diane Sawyer. Bruce – agora Caitlyn – Jenner disse à jornalista que ele tinha “alma de mulher”, e que havia passado a sua vida “a fugir de quem era”. No momento dessa conversa, a voz de Jenner e a sua aparência são diferentes do que eram no passado, mas não tanto ao ponto de dar a impressão de que é uma mulher. Certamente, surge muito mais feminino na capa da “Vanity Fair”. Mas, se optou por fazer uma operação de “reafecção” de género, isso não o converterá numa mulher, mas só na ilusão de uma mulher. Como escreveu o Dr. Paul McHugh, ex-chefe de psiquiatria do John Hopkins Hospital, “a mudança de sexo é biologicamente impossível. As pessoas que se submetem a uma cirurgia de reafecção não mudam de homem para mulher ou vice-versa. Convertem-se em homens feminizados ou em mulheres masculinizadas”.

Muitas vezes, os que se opõem ao movimento transgénero são tachados de fanáticos. Eu, como muitos outros, não tenho qualquer ódio pelas pessoas que sofrem uma desordem de identidade de género; pelo contrário, sinto profunda compaixão e preocupação com o seu sofrimento. Como alguém que trabalha no campo da psicologia, espero que um dia possamos encontrar meios mais completos, menos invasivos, para tratar esta desordem.

No entanto, considero haver algo de insultante em torno deste fenómeno. É um insulto para as pessoas do outro sexo pensar que “vestindo como elas”, “falando como elas”, ou dizendo que nos sentimos “como elas”, se possa “ser” elas. Ser homem é mais do que vestir um fato, e ser mulher é mais do que maquilhar-se. Se nos sentimos encurralados no nosso corpo, talvez não seja o nosso corpo o que temos de corrigir; temos é de conseguir que o nosso espírito restabeleça a ligação com ele.

N. K.

“A maternidade de aluguer é uma forma de tráfico de pessoas”

A maioria dos franceses não apoia que se recorra a uma “barriga de aluguer” para ter um filho, prática ilegal no país. Mas, em 2014, perante um caso levado ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem (TEDH), o tribunal exigiu a Paris que permitisse a inscrição no Registo Civil de crianças nascidas através de maternidade de aluguer nos EUA.

O TEDH, que diz ter tido em conta o “interesse superior dos menores”, argumentou que não se podia negar às crianças o direito à sua vida privada nem de adotar a nacionalidade dos “pais”. O governo de François Hollande podia reclamar, apresentar recurso, mas não o fez. A La Manif pour Tous, que agrupa uma trintena de organizações pró-vida e pró-família – tanto não confessionais como cristãs ou muçulmanas, e com profissionais de vários âmbitos da vida social –, é que está a dar batalha.

Ludovine de La Rochère, presidente da La Manif pour Tous, que assistiu às III Jornadas Balbuena de la Rosa sobre o Movimento Pró-família na Europa, organizadas em Madrid pelo CEU San Pablo, fala sobre o tema.

– Em França, não é permitida a maternidade de aluguer, mas há decisões judiciais que vão na direção de facilitá-la pela via dos factos, e anualmente há vários casos de aluguer. Isto é muito grave, porque essa prática, seja gratuita ou de pagamento, desconstrói a filiação, a maternidade, a paternidade e a família. É um assunto que tem a ver com todos nós, porque se concebemos a criança como um produto que se vende e se compra, então muda a nossa conceção da humanidade. O nosso movimento atua contra este aluguer no plano nacional e também nas instituições europeias.

- Recentemente, várias personalidades francesas de um amplo espectro político assinaram um manifesto contra a maternidade de aluguer.

– Sim. É que essa prática, que agride a nossa humanidade, constitui um desvio do liberalismo. Entre os que se opõem a ela, encontramos militantes de esquerda, feministas, ecologistas, militantes conservadores. Pensamos que é possível formar uma grande coligação transversal, da direita à esquerda, contra este fenómeno, e é um assunto muito urgente, porque se o TEDH aceita que a criança seja considerada um produto e que a mulher seja explorada como barriga de aluguer, tem de se atuar.

Mas esses menores, concebidos no exterior, têm direitos nos seus países de origem, e são inscritos lá, pelo que, não é verdade que fiquem sem os seus direitos. Aquilo que o TEDH pediu aos países membros da UE é que os inscrevam nos seus próprios registos. Se isto é admitido, significará a aprovação *de facto* dessa prática.

A Itália também foi condenada por este tema, mas diversamente da França, recorreu da sentença, e o TEDH vai reunir-se e tomará uma nova decisão. Na Bélgica, entretanto, há um largo debate sobre uma proposta de lei para dar um enquadramento jurídico a este tipo de aluguer. Mas este é semelhante à escravatura! Não é possível conceder-lhe um enquadramento jurídico; a única coisa a fazer é proibir esse aluguer. Na escravatura, considera-se que uma pessoa é proprietária de outra, que pode ser vendida ou comprada. Pois bem: esta é uma forma nova.

Dissuasão “à italiana”

– Nesta causa contra as “barrigas de aluguer”, de que lado está a opinião pública francesa?

– A maioria da sociedade é contrária à maternidade de aluguer, segundo revela uma sondagem do IFOP de outubro de 2014, embora não seja uma grande maioria. Estamos a falar de uma prática, em teoria, ilegal, mas que está a adquirir as características da ilegalidade tolerada de facto. É uma aberração, contrária à Convenção Internacional dos Direitos da Criança e à Convenção Internacional de Luta contra o Tráfico de Pessoas, porque é precisamente isso: um comércio com seres humanos.

– Por último, e partindo do facto de que este aluguer constitui um mal, a pergunta é se, uma vez nascidas as crianças, existe outra opção que não seja conceder-lhes reconhecimento jurídico...

– Costuma haver uma utilização das crianças já nascidas como pretexto para não fazer nada, quando a verdadeira questão é como evitar a maternidade de aluguer. Para as crianças é uma situação muito difícil, porque a mãe é de um país (mexicana, indiana, ucraniana, etc.) e o pai, o comprador, é de outro, normalmente de um país desenvolvido. É muito complicado.

Que fez a Itália, por exemplo? Pois retirou as crianças aos compradores e entregou-as na forma de adoção a outras pessoas. Isso vai ter um efeito dissuasório, e alguns que estavam a preparar-se para o fazer, já não o farão.

As crianças que são entregues em adoção a outros casais, saberão no futuro que esses pais adotivos não foram quem as afastaram da sua mãe biológica, porque é muito traumático para uma criança crescer sabendo que o pai adotivo pagou a esta para a levar. É um conflito de lealdades, e representa um trauma psicológico e emocional para a criança à medida que vai tomando consciência de si própria.

L. L.